

PORTUGAL NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS DE PARIS E S. LUÍS E NA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

POR ARY DOS SANTOS

MEDALHAS CONCEDIDAS ÀS TERMAS DAS CALDAS DA FELGUEIRA

1 — Exposição universal de Paris de 1867

Portugal fez-se representar, largamente, na Exposição de 1867 e o pavilhão português, construído segundo os desenhos do célebre architecto francês Rampin Mayer, mereceu os maiores elogios, pela qualidade e quantidade dos produtos expostos.

Lembro-me de ter lido algures que os nossos produtos e os da vizinha Espanha simbolizaram o poderio da riqueza de outros tempos e o esforço dispendido em proveito dos progressos da ciência e da civilização.

Portugal enviou a essa notabilíssima exposição três obras de arte verdadeiramente notáveis. Refiro-me ao *MISSAL*, que está à guarda da Biblioteca da Real Academia das Ciências e que é um verdadeiro primor de arte; ao *MODELO EM GESSO DO PÚLPITO DA IGREJA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA*, obra de arte que foi devidamente apreciada, e à *CUSTÓDIA DE BELÉM*, padrão histórico representativo do elevado grau de desenvolvimento das artes portuguesas no começo do século XVI.

À sumptuosidade da exposição correspondeu a beleza plástica de um número relativamente elevado de medalhas que passo a descrever, reproduzindo algumas delas:

Começarei por apresentar a medalha CONFERIDA Á COMISSÃO PORTUGUESA. (1)

Anverso: Do lado esquerdo, junto à orla: NAPOLEON III, e do lado direito: EMPEREUR. No campo, busto do Imperador, coroado e voltado à esquerda. No exergo: H. PONS-CARME F.

Reverso: Entre a orla e uma circunferência de pontos, a legenda, que começa à esquerda: EXPOSITION UNIVERSELLE DE MDCCCXVII A PARIS. Nos extremos da legenda, rosetas e entre estas a seguinte inscrição em duas linhas curvas: PARTICIPATION — A L'ŒUVRE INTERNATIONALE. No campo, uma outra inscrição em cinco linhas, das quais a primeira e a última são curvas e as restantes horizontais: COMMISSION-DU-ROYAUME-DE-PORTUGAL. No bordo punção e a palavra: ARGENT. Diâmetro: 51 mm. AR. Muito rara, atendendo ao número restrito de exemplares cunhados.

Seguem-se agora as medalhas propriamente comemorativas da Exposição, que quase todos os expositores possuíam, por oferta da comissão organizadora, ou por compra no mercado.

1867

Comemorativa da Exposição Universal de Paris (2)

O anverso desta medalha, bem como o de todas que se seguem, é igual ao da primeira que foi descrita.

Reverso: Em volta da orla e entre esta e uma circunferência de pontos, vinte e sete escudos, correspondentes aos países que concorreram a esta exposição. Na parte mais alta e a meio, o escudo da França e, da direita deste para a esquerda, os seguintes escudos: INGLATERRA, ÁUSTRIA, BADE, BAVIERA, BÉLGICA, BRASIL, CHINA, DINAMARCA, EGÍPTO, ESPANHA, ESTADO DE ROMA, ESTADOS UNIDOS, GRÉCIA, HOLANDA, ITÁLIA, MÉXICO, PÉRSIA, PORTUGAL, RÚSSIA, SAXE, SUÉCIA, SUÍÇA, PERU, TÚNIS e WURTEMBERG.

A meio do campo, vista do Palácio de exposições e jardins. Em cima, a legenda em duas linhas, sendo a primeira curva e a segunda horizontal: EXPOSITION UNIVERSELLE — PARIS 1867. Abaixo da vista do Palácio, um pavilhão, dos lados do qual saem cornucópias.

Diâmetro: 50 mm. PB. Pouco vulgar.

Também foram cunhadas medalhas deste tipo em AE.

Outra medalha comemorativa da mesma exposição (3)

Reverso: Vista do Palácio da Exposição.

Diâmetro: 50 mm. PB.

Mais outros dois tipos de medalhas comemorativas (4)

Reverso: Legenda — EXPOSITION. UNIVERSELLE, DE MDCCCLXVII A PARIS. No campo, figura simbólica da «FAMA», segurando com as mãos uma planta da exposição. A figura, representada por uma mulher quase desnudada, voa sobre um globo, vendo-se, na parte superior e esquerda deste, a assinatura: H. PONSCARME F.

Diâmetro: 50 mm. AE.

Exemplar igual ao antecedente com 36 mm. AE.

Medalha conferida aos que prestaram serviços à exposição (5)

Reverso: Campo igual ao da medalha que acabei de descrever, mas com a seguinte legenda: EXPOSITION. UNIVERSELLE. DE 1867. PARIS. COMMISSION. IMPÉRIALE. Entre os extremos da legenda: (POUR SERVICES RENDUS).

Diâmetro: 50 mm. AE.

Foram também cunhadas medalhas em AR.

Medalha de recompensa (6)

Reverso: Entre a orla e uma circunferência de pontos, a legenda, que começa à esquerda: EXPOSITION UNIVERSELLE DE MDCCCLXVII. Nos extremos da legenda, rosetas e entre elas: RECOMPENSES.

Fundo liso, destinado à inscrição do nome do expositor recompensado.

Diâmetro: 49 mm. AE.

Também foram cunhadas medalhas em AV. e AR.

*

* *

A participação de Portugal nesta exposição não se fez sentir apenas no domínio da arte: teve, igualmente, papel de relevo como afirmação da nossa riqueza hidromineral.

Refiro-me concretamente às águas medicinais das Caldas da Felgueira, de que Pinho Leal, no seu dicionário «Portugal Antigo e Moderno», nos dá a seguinte notícia, que transcrevo na íntegra:

«FELGUEIRAS — aldeia, Beira-Alta, comarca de Mangualde, concelho de Nellas, freguezia de Cannas de Senhorim, 15 kilometros de Vizeu, 225 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

A 500 metros da margem direita do Mondego, junto à aldeia de Felgueiras, nascem as aguas sulphurosas, conhecidas hoje pelo nome d'esta povoação, e que o teem sido tambem pelo de Cannas de Senhorim, de cuja villa dista 2 kilometros, para ESE.

A temperatura d'estas aguas é de 30° cent, e o seu volume é de 50:000 litros em 24 horas. São limpidas e cheiram a gaz sulphidrico.

(Os limos d'estas aguas, depois de seccos, ardem como se fossem mechas enxofradas).

Tem um pequeno edificio para onde a agua sulphurosa é conduzida por canaes abertos, e que tem uns pequenos quartos com banheiras.

Ha diligencia diaria entre Mangualde e a Mealhada, passando em Nellas: d'aquí vae-se a cavallo para Felgueiras, 6 kilometros.

Foram analysadas na exposição universal de Pariz, em 1867, e o resumo do relatório, feito sobre estas aguas, é o seguinte — (traducção).

«Tiram o seu nome do lugar onde nascem. Rebentam na encosta de uma collina, a 500 metros da margem direita do Mondego, e a 2 kilometros a ESE. da villa de Cannas de Senhorim. São limpidas e transparentes, não apresentando nada de notavel quanto ao gôsto e cheiro: a sua composição é simples e deixam, por kilogramma, 0,34467 grs. de residuo fixo, formado de sulphatos e chlorurêtos alcalinos; saes calca-reos, de magnesia e de silica, e uma diminuta quantidade de ferro e d'alumina.

«Sua temperatura é de 32° 5 C., a 35° C.»

Onde se lê Felgueiras, deve ler-se Felgueira. Felgueiras pertence ao concelho de Penafiel.

*

* *

A noticia está redigida em termos tais, que deixa perceber que essa análise fosse a primeira que se fez a essas águas, que hoje gozam, nos meios hidrológicos estrangeiros, de justa reputação.

De quem teria partido a iniciativa do pedido de análise à Exposição Universal de Paris de 1867, exposição que marcou bem a posição de Portugal e que tanto interesse medalhístico oferece aos numismatas?

Partiria da Câmara Municipal de Nelas, proprietária dessas afamadas águas minero-medicinais?

É natural que o representante das águas das Caldas da Felgueira tivesse sido contemplado com qualquer das medalhas comemorativas da Exposição, visto que elas eram oferecidas pela comissão organizadora.

Concedidas aos expositores foram as duas últimas medalhas que descrevi: medalha aos que prestaram serviços e medalhas pròpriamente de recompensa.

Qual teria sido a medalha conferida às Termas da Felgueira e onde está essa medalha?

Na Câmara de Nelas?

*

* *

O pedido da análise deveria ter sido feito pela Câmara de Nelas, proprietária das águas da Felgueira, visto que só em 1880, e por iniciativa de José Maria Marques Caldeira, se constituiu a Companhia das Águas Medicinais da Felgueira.

Deve notar-se que no próprio ano da inauguração da Exposição, o Dr. Vicente Lourenço indicava o resíduo seco e a temperatura dessas águas. Esta análise sumaríssima foi, com certeza, feita antes do pedido formulado à comissão organizadora da exposição de 1867.

Entre nós, a primeira análise química dessas águas deve-se ao notável químico Santos e Silva (1884).

Em 1920, os ilustres Professores Aquiles Machado e D. António Pereira Forjaz fizeram um estudo, que ficou memorável, da radioactividade destas águas, mostrando que entre as águas sulfúricas sódicas, que têm o privilégio na cura de um grande número de doenças do aparelho respiratório, as da Felgueira eram as mais radioactivas do País.

Demonstraram ainda que a actividade rádica do ar atmosférico era de tal ordem que podia ser considerada como emanatório natural.

O grande mestre de química, D. António Pereira Forjaz, no trabalho apresentado à exposição de Sevilha «Portugal. As suas nascentes de águas minerais», diz, ao falar da Felgueira: «é o último termo de reputado trio: Curia, Luso, Felgueira. Nesta, são três as nascentes, brotando a água de diaclases graníticas; esta água, também hipo-salina, é sulfidricada, extraordinariamente rica em rádon (determinámos, in loco, 27,4 milimicrocuries por litro). Têm dado, particularmente, vantajosos resultados no tratamento das dermatoses e dos padecimentos bronco-pulmonares e gastro-intestinais».

Anteriormente a estes grandes professores, o Dr. Giovanni Costanzo, professor do Instituto Superior Técnico, fora levado, embora por processos rudimentares, à conclusão de que a radioactividade do caudal era considerável.

Em 1946, o prof. Herculano de Carvalho fez uma nova análise às águas da Felgueira, não tendo encontrado diferenças fundamentais da que fora feita por Santos Silva, mostrando isso que estas águas não sofreram, de então para essa data, modificações sensíveis.

Não está na índole do meu trabalho, cuja finalidade é apenas medallística, fazer considerações de ordem clínica, mas por dever patriótico devo dizer que o notável otorrinolaringologista Corone, que exerce a sua actividade clínica nas termas de Caunterets, se referiu, quando da sua vinda a Portugal, às águas da Felgueira, em termos tão elogiosos que as classificou como das melhores da Europa no seu género.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PARIS
1867

Est. I



1



2



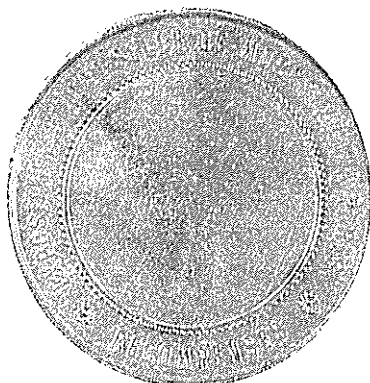
3



4



5



6



*

* *

2 — Exposição Universal de S. Luís (1904)

Na Exposição de S. Luís, realizada no ano de 1904, a Companhia das Águas Medicinais da Felgueira obteve a honrosa distinção da Medalha DE OURO.

Duas palavras a respeito da Exposição de S. Luís.

Esta exposição realizou-se nesta cidade, uma das mais importantes do Estado de Missouri, para comemorar a aquisição do Estado de Louisiana, vendido por Napoleão Bonaparte, em 30 de Abril de 1803, aos Estados Unidos da América pela quantia de 15:000.000 de dólares.

A área desse Estado era, aproximadamente, de 1:000.000 de milhas quadradas. Como lembrança deste facto foi oferecida a cada expositor a medalha cuja reprodução se faz no final da notícia desta Exposição.

Como se vê, na reprodução fotográfica da medalha, (1) os dados que acabei de citar constituem a justa descrição de reverso.

No anverso, figuram dois bustos conjugados, voltados à esquerda. No primeiro plano, figura o busto de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos, que negociou com Napoleão, que está no segundo plano, a venda do Estado. Em volta da orla, a legenda: LOUISIANA. PURCHASE. EXPOSITION (no arco superior) e OFFIAL. SOUVENIR (no arco inferior).

A medalha é de cobre dourado e tem o diâmetro de 33 mm.

Medalha concedida à Companhia das Águas Medicinais da Felgueira (2)

Anverso: Em volta da medalha, motivo ornamental com a forma aproximadamente triangular. Vêm-se nesse motivo, nos dois ângulos superiores, as iniciais U S e, no ângulo inferior, uma flor-de-lis; nos espaços intermédios, estrelinhas. Ao centro, duas figuras de mulher. A da esquerda, tendo na cabeça o barrete frígio, faz menção de cobrir, com o seu manto, a outra figura. No exergo, que está separado por um friso: MCMIV. Imediatamente acima do friso e à direita a assinatura: A A WEINMAM — FECT.

Reverso: No campo, como símbolo de amor filial, um pelicano, de asas abertas, poisa sobre uma placa, assente numa concha, onde se lê, em três linhas, a inscrição: GOLD MEDAL — LOUISIANA. PURCHASE. — EXPOSITION. Abaixo da concha, dois golfinhos. A parte circular da medalha tem o diâmetro de 55 mm. AV. Pesa 146 grs.

* * *

É evidente que a comissão encarregada de distribuir os prêmios aos expositores teve em consideração o alto valor das águas medicinais da Felgueira.

Esta homenagem, honrosíssima para a Companhia das Águas da Felgueira, é a corroboração do juízo que o notabilíssimo professor da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Manuel Bento de Sousa, fazia a respeito do valor medicinal de tão antigas e afamadas águas minerais.

Quando o Dr. Pais do Amaral pediu ao ilustre mestre da Medicina Portuguesa a sua impressão por escrito a propósito das águas da Felgueira, Manuel Bento começou por dizer:

«Confesso que a minha resposta esteve quase a ser negativa, não por me poupar, como bom português que sou, a esse trabalho mais, o desta correspondência, mas para fugir à vergonha de não saber explicar efeitos e virtudes que eu sou o primeiro a pregar.»

Esta declaração tem um alto significado — extrema probidade de quem a escreveu e o empirismo com que, durante muito tempo, se fizeram as prescrições. Felizmente que sucessivas investigações têm reduzido, em muito, as indicações sem teoria, nem raciocínio.

Quando Santos e Silva falava da presença do hidrogénio sulfurado, não se atribuiu ao facto a devida importância e só mais tarde se soube que, entre todos os compostos de enxofre, é esse o que é absorvido directamente pelo pulmão, pela pele e pelo intestino, circunstância essa que dá, sobre todos os outros antisépticos, grandes vantagens.

Dizia o Dr. Got e com muita propriedade: «Avant de nous quitter, le soufre nous rend ainsi un dernier service, celui de ménager le filtre rénal».

A apreciação dos elementos componentes das águas da Felgueira justifica plenamente a alta recompensa com que foi agraciada a Companhia das Águas Medicinais da Felgueira.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE S. LUÍS
1904



1



1



2

3 — A Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1908)

Em 1908, realizou-se no Rio de Janeiro uma Exposição Nacional em que tomaram parte os Estados da República Sul-Americana.

Por uma atenção especial do governo brasileiro, Portugal foi convidado a concorrer, sendo a única nação que teve a honra de expor os seus produtos. A amabilidade do Brasil foi ao ponto de nos oferecer um pavilhão especial, em estilo manuelino.

A exposição foi feita com o principal objectivo de solenizar a abertura dos portos brasileiros ao mundo.

A comissão organizadora da secção portuguesa foi constituída da seguinte maneira:

Presidente — Conselheiro Ernesto Driesel Shröter.

Adjunto à presidência — Professor Cincinato da Costa, que foi o organizador do catálogo oficial da nossa secção.

Vogais: Conselheiros Ernesto Madeira Pinto e Alfredo Carlos Lecocq; António José Arroyo; António Teixeira Júdice; Jorge Colaço; Cristiano Ramos Pinto; António Teixeira Lopes; Carlos Afonso; João Henrique Von Hafe e Luís Firmino de Oliveira.

Portugal dividiu a sua exposição em sete secções:

Agricultura, onde se inscreveram	441	expositores
Minas	» » »	22 »
Indústria	» » »	294 »
Belas-Artes	» » »	57 »
Arte aplicada	» » »	36 »
Higiene e assistência	»	25 »
Obras científicas, literárias, mapas e colecções de estudo	55	»

A exposição realizou-se no edifício da antiga Escola Militar, na Praia Vermelha, em pavilhões construídos pelos diferentes Estados brasileiros e nos terrenos que ficavam compreendidos entre a referida Escola Militar e o Instituto Benjamim Constant. Dirigiu os trabalhos de construção o hábil engenheiro Sampaio Correia.

El-rei D. Carlos I e D. Amélia deviam visitar essa exposição, e para comemorar a visita régia foi cunhada uma medalha que devia ser distribuída por ocasião dos festejos do primeiro centenário da abertura dos portos do Brasil. O assassinato de El-rei D. Carlos I, em 1 de Fevereiro de 1908, impediu a realização da projectada visita.

Quis o Brasil prestar homenagem a D. Manuel II. Para isso mandou cunhar a medalha que no final se reproduz e que foi distribuída por ocasião da exposição. (1)

Anverso: D. MANUEL II — REI DE PORTUGAL. Busto do soberano.

Reverso: Legenda: 1889-1908 — Homenagem do Brasil. Brazão de armas português e emblema do Brasil.
Suporte e argola.
Diâmetro: 22 mm. AR.

Medalha Comemorativa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1908) (2)

Anverso: Legenda: EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. No campo: vista da entrada do pavilhão da Exposição. Exergo: 1908.

Reverso: Entre a orla e uma circunferência que limita o campo, a legenda: LABOR. IMPROBUS OMNIA. VINCIT. No campo, arranjo simbólico (Ciência, Arte e Indústria) e abaixo dele, numa pequena tabela ornamentada, as datas 1500: 1908. À parte esquerda do campo e num segundo plano, sobre um pedestal, a figura de Pedro Álvares Cabral empunhando a bandeira portuguesa.

Diâmetro: 40 mm. AE prateado.

Esta medalha foi oferecida a todos os expositores.

Medalha conferida aos expositores (3)

Anverso: No arco superior da orla: 1.º CENTENÁRIO DA ABERTURA DOS PORTOS DO BRASIL, AO COMÉRCIO INTERNACIONAL. No exergo, que está separado por friso, a inscri-

EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

1908



9



10



11



ção: 1908 RIO DE JANEIRO 1908; abaixo uma assinatura ilegível. No campo, duas figuras simbólicas; a da esquerda, que representa a Pátria, está de pé, com leves roupagens, aponta com o indicador da mão direita a carta do Brasil, representada num globo terrestre que fica à esquerda, e ostenta na mão esquerda um pergaminho onde está uma inscrição impossível de ler. Em frente da Pátria, a figura da Navegação, representada, também, por uma mulher sentada, segurando com a mão esquerda um leme. Aos pés das figuras, parte de uma roda de leme, colocada acima do friso do exergo. Entre a figura da Pátria e o globo terrestre, uma âncora. No plano de fundo, uma balaustrada, vista do mar e parte dos mastros de uma embarcação.

Reverso: No arco superior da orla: EXPOSIÇÃO NACIONAL 1908. Imediatamente abaixo e um pouco para a direita, em duas linhas horizontais, a inscrição: MEDALHA — DE BRONZE OU DE PRATA, conforme o prémio concedido ao expositor. Na parte alta do campo e do lado direito a figura simbólica do Brasil, representado por um homem que, sobre uma nuvem, ostenta o escudo brasileiro. No campo, vista do Palácio da Exposição. À parte inferior, dois anjos frente a frente, vendo-se entre eles vários símbolos de navegação, e por debaixo destes a inscrição: RIO DE JANEIRO.

No plano de fundo, a vista do Pão de Açúcar.
Diâmetro: 47 mm. Bronze ou Prata.

A Companhia das Águas Medicinais das Caldas da Felgueira coube a medalha de prata, que veio, assim, confirmar a opinião do Prof. Manuel Bento de Sousa:

«O que penso, o que sei, o que tenho verificado, com alegria dos doentes e minha, é que a água da Felgueira, é, das minerais portuguesas, a melhor de todas.»

Lisboa, 17 de Abril de 1954.